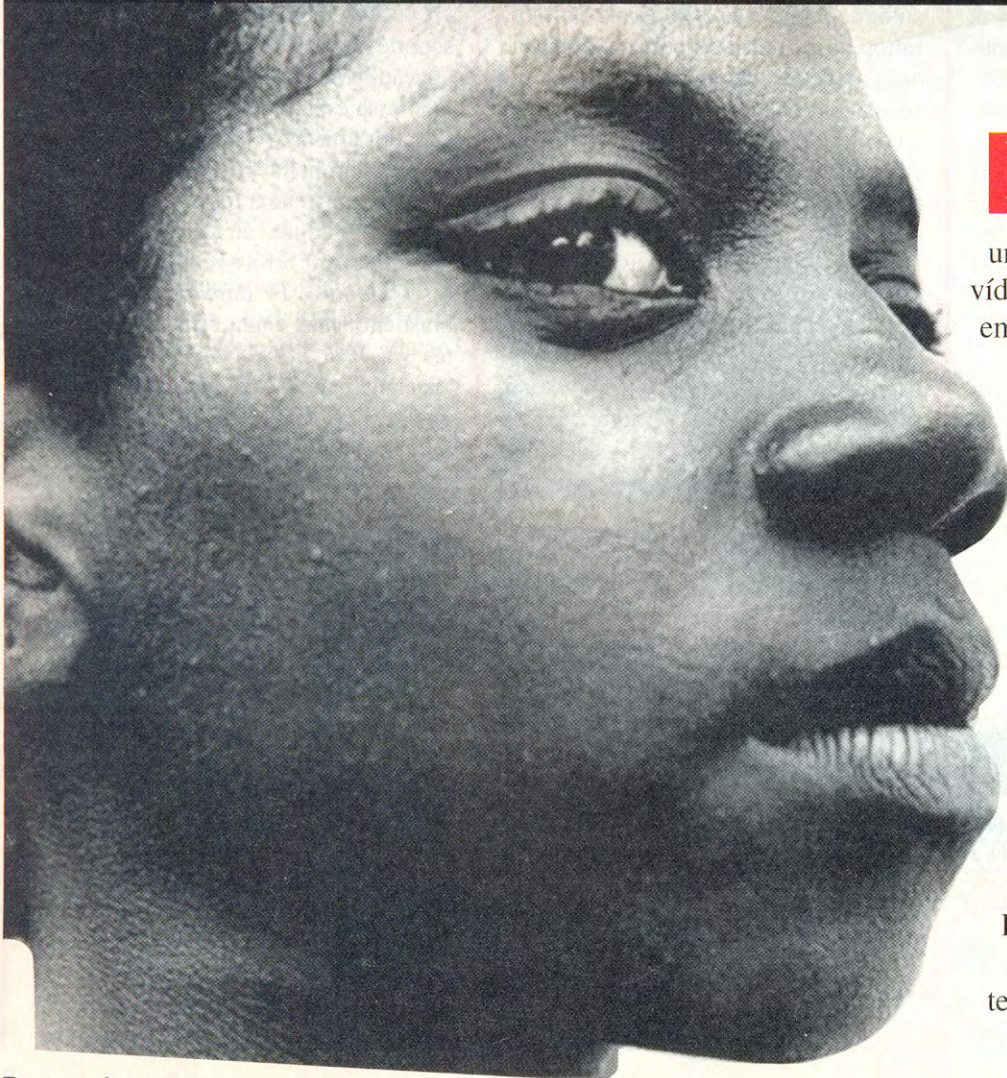


# A VIDEOARTE FAZ 30 ANOS

O 11º *Festival Internacional Videobrasil*, ocorrido de 12 a 17 de novembro, faz homenagem ao artista multimídia Nam June Paik



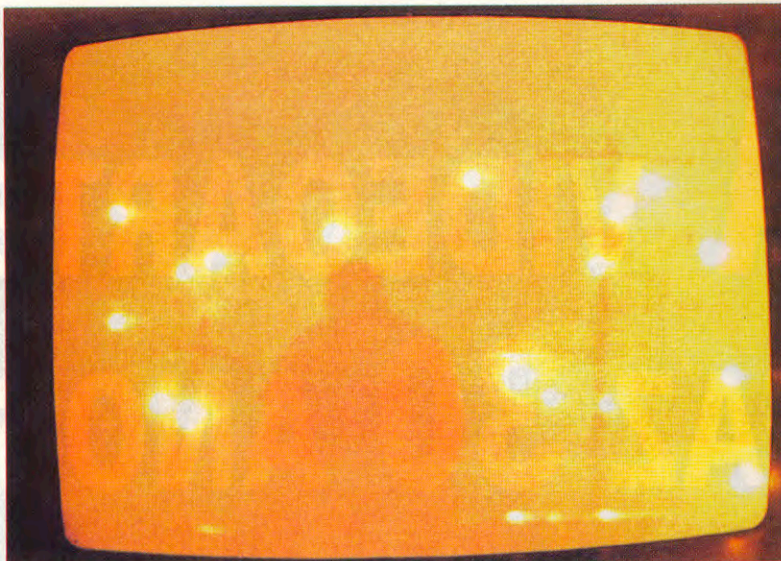
**E**le já fez uma família de robôs congestionarem o trânsito de Nova York, uniu o planeta via satélite com o vídeo *Good Morning, Mr. Orwell*, em 1984, orquestrou uma bizarra combinação de pianos, máquinas de fazer barulho, treze velhos televisores com a preciosa participação do artista plástico Joseph Beuys tocando piano, com um machado. Um dos artistas do movimento anárquico, pós-dadaísta *Fluxus*, o sul-coreano naturalizado americano, Nam June Paik, é reconhecido como o principal responsável pelo estabelecimento do vídeo como uma nova forma de arte. Pioneiro da videoarte, desde os anos 60 Paik vem usando a tecnologia para desmistificá-la e humanizá-la.

O 11<sup>o</sup> Festival Internacional Videobrasil, que aconteceu de 12 a 17 de novembro, no Sesc Pompéia, teve como tema a videoarte e Nam June Paik, o grande homenageado. Considerado um dos principais eventos de mídia eletrônica e artes, o Festival ofereceu uma gama variada de atrações nacionais e internacionais, com instalações, performances, palestras, consultas de CD-ROM e sessões de vídeo.

Desde que virou um evento internacional, em 1991, mudou de formato e, conseqüentemente, de características. O Festival deixou de ser apenas de vídeo para se transformar num espaço mais amplo de arte eletrônica.

O objetivo do evento, segundo a curadora Solange Farkas, é muito claro, ele não só é um difusor, quanto estímulo para esta expressão artística que existe há 30 anos e conquistou o mercado de arte, como a pintura e a escultura. "Na verdade, o Festival é uma oficina de criação. É aqui que você pode ser anárquico com os recursos tecnológicos, com os conceitos sociais, enfim. O artista precisa desses nichos e o Videobrasil se permite ser este espaço", diz a curadora.

A intenção do Videobrasil é colocar o artista em contato com o circuito de difusão dessas obras, funcionando como um mercado informal. O júri é pensado e composto em função dessa estratégia. Foram escolhidas pessoas capazes de avaliar as obras, mas muito mais do que isso, são pessoas que eventualmente possam levar esses trabalhos para o circuito internacional. Para compor o júri foram chamados: Lori Zippay, diretora executiva do Eletronic Arts Intermix (EAI), centro de artes e mídia de Nova York, conhecida como a primeira e mais importante distribuidora de obras de



**Fotos dos vídeos da mostra competitiva:** (página anterior) *Quilombos Urbanos*, de *Monica Simões*, (acima) *Ausência*, (abaixo) *Natureza Morta*, de *Guilherme Cifuentes*

videoarte; Alain Burosse, diretor e produtor de programas de rádio na emissora Europe 1, responsável pela programação de produções de curtas-metragens na emissora de TV Canal Plus; John Gilles, reconhecido pela variedade de formatos e linguagens que utiliza em suas criações, com uma extensa videografia, recebeu prêmios significativos, como a "Menção Especial" no Festival de Vídeo de Nova York, em 1994; Eder Santos, um dos nomes mais respeitados do circuito nacional, com amplo reconhecimento no exterior e Diego Lascano, autor de uma ampla videografia, com uma dezena de produções conhecidas internacionalmente.



Inscreveram-se 350 trabalhos e deles apenas 69 foram selecionados para a mostra competitiva, que mobiliza o grande público e estimula os competidores do hemisfério sul. Paralelamente, a mostra informativa expõe importantes trabalhos que foram exibidos na área de convivência, no teatro do Sesc Pompéia e no Centro Cultural São Paulo.

## Instalações

Ao redor do tortuoso espelho d'água da área de convivência do Sesc Pompéia, as instalações foram agradavelmente dispostas. Segundo Mario Gallo, arquiteto responsável pela montagem do evento, conceber um projeto desse porte não é nada rígido, mas obedece a uma lei rigorosa que é dar suporte ao artista sem interferir na sua criação. "Meu trabalho é fazer com que todo esse espaço seja coerente à linguagem dos artistas", diz o arquiteto.

Pela primeira vez no Brasil, Nam June Paik teve uma retrospectiva de seu trabalho. Grande atração do Festival, Paik preparou novas versões das famosas *TV Moon* e *TV Budha* para o festival brasileiro, mas ainda estiveram presentes *TV Fish* e *TV Garden*. Na versão "nacional" de *TV Garden*, Paik utilizou plantas brasileiras para compor seu jardim, e no *TV Budha*, o representante cabloco de Buda foi um preto-velho sentado na posição de lótus.

Os trabalhos apresentados no Videobrasil ilustram bem a evolução do artista; foram divididos em três temas: *Colagens*, *Homenagens* e *Documentos*. Em *Colagens*, os trabalhos revelam uma mistura singular e radical que Paik faz de elementos díspares, como símbolos da cultura pop, imagens de TV, arte *avant-garde*, efeitos especiais etc. *Homenagens* é uma série de obras que criou em par-

ceria ou para homenagear artistas que tiveram influência em seu trabalho. O último segmento apresenta trabalhos de Paik como performer e artista.

Em sua obra multimídia, Paik combina a sensibilidade oriental para o espaço, o silêncio e a simplicidade do Zen com a saturação de imagens dos meios de comunicação de massa, utilizando a mais avançada tecnologia do Ocidente. Em suas instalações e videoesculturas, trabalhos sempre de grande dimensões, ele retira o vídeo e a TV de seu uso cotidiano, altera e cria imagens com o emprego de computadores, em sofisticadas colagens visuais, provocando uma verdadeira desconstrução do olhar. Em *TV Budha*, por exemplo, Paik simplesmente colocou uma estátua de Buda assistindo à televisão. Em cima do aparelho, uma minicâmera filmava a estátua. Ou seja, os espectadores e o próprio Buda viam no vídeo simplesmente a imagem silenciosa do mestre.

O francês Michel Jaffrennou, grande referência da videoarte internacional, mostrou o vídeo, ainda inédito, *Pedro e o Lobo*. Criado a partir da música de Prokofiev, esta é uma versão teatral totalmente informatizada. O público ainda teve acesso, na sua instalação, a um *making off* deste trabalho. Como contraponto de *Pedro e o Lobo*, Jaffrennou apresentou sua primeira videoescultura *Le Plein de Plumes*. Criada há 16 anos, a obra de arte apresenta um personagem que joga uma pluma que percorre uma trilha, até chegar novamente à sua mão.

Keiichi Tanaka trouxe do Japão *Luminous Cosmic Rays*, em que raios cósmicos se misturavam à música e ao lazer. Do Brasil, foram convidados Inês Cardoso e Cao Hamburger.

Inês Cardoso começou sua carreira no Festival de 94, e de lá pra cá seu trabalho de videoarte deslanchou. Na sua primeira instalação, Inês criou uma relação intimista com o público. "Este trabalho surgiu de uma proposta completamente humanista. Acho que hoje, a arte em geral está trabalhando com temas muito abstratos e, às vezes, ela se afasta muito dos conteúdos emocionais. Acho



De cima para baixo: Vová Rita, de Kiko Molica, O Oco, de Luis Felipe Sa e Rio Em 2/4, de Eduardo Albuquerque Brasil

que é importante um pouco desse calor."

Cao Hamburger foi desafiado pela direção do Festival a realizar sua primeira instalação para crianças. Cao ainda convidou os artistas plásticos Vera Barros e Pedro Barmack para participarem da criação do seu zoológico tecnológico.

A idéia de *Video Zoo* era fazer com que as crianças pudessem, brincando com os animais, entender e experimentar como funciona a linguagem do

vídeo. A relação que as crianças atualmente têm com a televisão é passiva e anestésica, nesta instalação elas puderam entender um pouco melhor essa linguagem e adquirir uma postura mais crítica em relação ao que elas estão vendo.

Seis monitores foram colocados à disposição das crianças e explicavam mais detalhadamente o que era um ponto de vista, que a luz pode dar mais ou menos dramaticidade a uma cena etc. Elas puderam, inclusive, realizar trabalhos em grupos. "A intenção é que as crianças tenham uma relação mais crítica e entendam que atrás de uma imagem existe um artista, um trabalho", explica Vera Barros.

## Performances

A instalação e a performance são duas das mais fortes expressões da videoarte. Por isso, este ano, Solange Farkas dedicou um grande espaço para esses trabalhos. A coreógrafa canadense Isabelle Choinière, com o seu

*Le Partage des Peux 2*, e o baiano Marcondes Dourado, com *Bardo*, apresentaram trabalhos que mesclaram dança e videoarte. Augusto de Campos, Cid Campos e Walter Silveira realizaram *Poesia e Risco*, uma mistura de slides, poemas e música. O mineiro Eder Santos fez, com o grupo Uatki, *Passagem de Mariana*.

Outro programa interessantíssimo foi a mostra informativa. Nela, apresentaram-se trabalhos de várias partes do mundo. Entre eles, a coletânea *Olhares do Sul*, com mais de quatro horas de filmes e vídeos sul-americanos.

Nesta Babel imagética, Solange Farkas detectou algumas tendências. "Pela primeira vez recebemos muitos vídeos que falam sobre a sexualidade. A guerra também aparece, principalmente nos trabalhos do Líbano e da Eslovênia, mas de maneira mais poética", diz a curadora. A fase de deslumbramento com os recursos tecnológicos esteve mais branda. Muitos vídeos, este ano, foram a própria negação à alta tecnologia. Retomando novamente Nam June Paik, ele chegou a dizer, "é preciso conhecer a tecnologia o bastante para subvertê-la, para humanizá-la". ■